

REVISTA MARANHENSE: A CIÊNCIA EM REVISTA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Marla Cristiane Araújo MEDEIROS

(UMESP)

Estudo histórico e bibliográfico da *Revista Maranhense*, publicação de época, com intenções científicas, literárias e artísticas. Privilegia-se a análise da primeira edição, de 1916, mas também, outras edições. Trata-se da primeira etapa de uma série de estudos, com a finalidade de elucidar as contribuições científicas e sociais da Revista, além de abordar características do legado deixado por um grupo de literatos do início do século XX.

Palavras-chave: Revista Maranhense – História E Evolução, Periódicos Brasileiros

INTRODUÇÃO

A educação brasileira, desde os primórdios até a Reforma Pombalina, foi monopólio dos jesuítas que nos legaram um ensino de caráter livresco, retórico e memorístico. Estes, portanto, dedicaram-se à formação de clérigos e literatos, visto que se limitavam a esse conhecimento, não existindo, porém, nenhum interesse no que se refere à pesquisa científica. Essa situação demonstra a indigência a que estava relegada a ciência.

No período do II Império, realizaram-se, no Brasil, intensas discussões sobre ciência, feitas através de seminários, palestras de divulgação científica para comunidade e artigos científicos publicados em jornais e revistas da época. Uma das atividades que se tornaram expressivas foi o que se denominou de *Conferências da Glória*, iniciadas em 1873 e assim chamadas porque eram realizadas nas manhãs de domingo, em escolas públicas da Freguesia da Glória, na Corte, na cidade do Rio de Janeiro. Essas conferências, surgidas a pedido do Imperador D. Pedro II, e criadas por Manuel Francisco Correia, visavam, principalmente, à instrução do povo e, por conseguinte, eram franqueadas a todas as classes (Oliveira, 2000)

Essa efervescência gerada pelas descobertas científicas daquele momento e pela valorização e promoção do saber repercutiu em todo o País. Este fato rompeu o século e as fronteiras do Rio de Janeiro, influenciando toda uma geração entusiasmada em propagar os bons ventos do conhecimento em periódicos, o meio de comunicação que despontava na época.

No Maranhão, em 1887, surgiu a *Revista Maranhense*, publicação regional de conteúdo científico, social e cultural criada nos moldes da *Revista Brasileira*, que circulava no mesmo período no Rio de Janeiro.

A *Revista Maranhense*, referenciada como fonte de estudo neste trabalho, está delimitada entre o ano de 1916, quando ocorreu seu relançamento, até 1920, data na qual estão registrados seus últimos exemplares na Biblioteca Pública de São Luís, capital do estado do Maranhão. A referida revista foi uma publicação escrita por rapazes de classe média e de famílias tradicionais. Tinha uma estrutura editorial composta por quatro redatores, um gerente, um tesoureiro. Sua circulação atingia os municípios de Caxias, Ararí, Icatú, Bacuri, Rosário, Chapadinha, Carolina, Alcântara, Cururupu, Pedreiras, Brejo, Barro Vermelho, Ponta Nova, São Vicente de Ferrer e a cidade de Belém, no Pará. Todos esses municípios estão localizados em pontos bem distantes uns dos outros, o que comprova que a circulação da revista cobria boa parte do Estado. Cada região tinha seus correspondentes, chamados de sócios colaboradores, na maioria, mulheres, principalmente professoras. A revista possuía endereço fixo na capital, na rua Afonso Pena nº 6, endereço localizado em meio ao acervo arquitetônico de casarões portugueses, hoje, patrimônio da humanidade. A estrutura de diagramação segue um requinte em cercaduras e letras ornamentais bastante característico das publicações do período. Possuía em sua antecapa, o ano em que circulava, o número da edição, data, a expressão publicação mensal, as palavras Arte, Ciências e Letras, que representavam os interesses editoriais da revista, endereço, assinaturas tanto anual quanto semestral com seus respectivos valores em moeda da época, a identificação dos redatores e responsáveis pela revista, o expediente e o sumário, onde trazia os artigos publicados. Percebe-se, analisando as capas da revista, uma evolução na quantidade de colaboradores, o que leva a crer que teve crescimento em sua tiragem ao longo dos anos que sucederam sua circulação.

DADOS HISTÓRICOS E BIBLIOGRÁFICOS

O contexto social que compunha a sociedade maranhense no início no século XX pode ser relatado como sendo um ambiente de produções de impressos. De todos os lados da cidade, circulavam jornais, confeccionados por associações criadas com o único intuito de produzir esses jornais, para através deles, promover discussões sociais e políticas, alguns com caráter crítico ao poder. Possivelmente, esta característica atípica da cidade foi uma herança, ainda, do final do século XIX, quando a cidade de São Luís foi marcada pela prática dos

pasquins, pequenos textos com teor bastante crítico, cujo principal objetivo era construir, em forma de repentes, textos que tinham, entre muitas finalidades, criticar o governo, o poder religioso, os ricos proprietários e poetas. Ninguém que cometesse qualquer desvio público ou falta de conduta escapava das alfinetadas bastante duras dos escritores de pasquins. Esses escritores eram pessoas comuns ou muitas vezes homens e mulheres que dispunham de alguma intelectualidade ou dinheiro, mas que se escondiam atrás de pseudônimos no intuito de preservar tanto sua integridade física quanto sua vida social já que os pasquins, através do seus textos, despiam essas pessoas exaltando ou levando-as ao chão com adjetivos os mais escabrosos possíveis (Barros, 1996). A prática dos pasquins sobreviveu apenas há algumas décadas embora a prática dos pseudônimos permaneceu presente na revista. Os pasquins foram substituído, gradativamente, por uma produção mais profissional de impressos influenciados pelos jornais do Rio de Janeiro que chegavam até a capital do Maranhão.

A *Revista Maranhense* é um periódico que, apesar de surgir nas mesmas condições em que surgiram os jornais, pelo interesse de um grupo de jovens intelectuais empolgados com as novas tecnologias da época, possuía, no entanto, um diferencial que dava a ela uma conotação especial. A revista, pela primeira vez no Estado, despertava para o interesse e importância da ciência e da educação como fator transformador da sociedade, o que a fazia ainda mais instigante. Esta afirmação é claramente percebida nos espaços dedicados aos artigos que falam de ciência e de educação, além de ter uma característica poética bem marcante.

CARACTERÍSTICAS DO TEXTO

Os rapazes que formavam o primeiro grupo integrante do primeiro número da revista chamavam-se Astrolábio Caldas, Fuljencio Pinto, José Monteiro e Francisco Figueiredo. Tinham como objetivo, segundo suas próprias palavras gravadas no primeiro número de 1916, o seguinte:

“É mais uma folha de rapazes, que aparece no Estado. Não tem, na acepção rigorosa do termo, um programa. Os programas são desmoralizados. A mocidade só tem um lema, e este é conhecido de todos: estudar para saber. Assim, pois um periódico de rapazes só pode ter um fim: publicar produções literárias, ensaios científicos dos seus redatores e colaboradores.

“Que são essas produções ?

“Que representam esses ensaios ?

“A Phantasia em lavas, as primeiras, irradiações do sentimento, um pouco de amor, um pouco de esperança, um olhar cheio de vida, um sorriso cheio de luz, a formosura de uns cabellos negros ou de uma trança loira, o timbre de uma voz suavíssima que se ouviu de passagem, numa noite de luar, o caminho de mãos de verbenas, que se sentia numa tarde estival debaixo de frondes confortadoras, lá no sítio em que se passaram os para sempre lembrados dias da juventude.

“Todos esses fragmentos, cada um com a sua cor mais ou menos nítidos, mais ou menos sentidos, fielmente reproduzidos com a mesma commoção de hontem, ou já emoldurados pela arte são a essência desses periódicos.

“...As publicações têm a vantagem de fazer saltar as falhas e os defeitos. Ficam patenteados, numa evidencia nua ao espírito. E eis porque surge, como necessidade inadiável, o dever de estudar. A grei que redije o periódico do princípio ao trabalho da formação. E então que vem a luz os bons modelos vernáculos que passam de mão em mão.

“Procuram todos ávidos do conhecimento os bons livros. Aprendem a ler nas entrelinhas e a devassar esse outro mundo, até então desconhecido por elles, em que as palavras não são o que são, mas representam idéias, intenções particulares, luz, cor, som, céu e mar, espaço infinito em que voam aves, cantando, e subterrâneos em que se escondem feras e monstros.

“É por isso que desses periódicos nascem os grandes prosadores, os grandes poetas, as vastas illustrações que depois fazem a reputação intelectual de um paiz!

“Elles são o precioso caminho em que se apuram o talento e a vocação dos novos.”

Esta abertura, presente na primeira edição de 1916, demonstra que se tratava de jovens preocupados com a instrução e com a tradicionalidade que a cidade na época, ou anterior àquela época, tinha em produzir poetas, tais como Gonçalves Dias, Aluizio e Artur Azevedo consagrados nacionalmente, além de João Lisboa Antonio Lobo, que quando morreu recebeu menção honrosa na revista. Efervescia entre aqueles jovens o interesse pela liberdade de expressão e pela construção de um trabalho que pudesse levá-los ao reconhecimento como poetas ou literatos, assim como eles viram tantos outros se tornarem. Tinham a consciência que o passo para se tornarem intelectuais seria através dos livros e da constante busca pela novas descobertas que aquela oportunidade estava sendo dada pela revista.

CONSTRUÇÃO EDITORIAL E TEMÁTICAS ABORDADAS

O estudo realizado na primeira edição da revista apresenta uma estrutura editorial dividida entre notas sociais, poesias como espaço público a qualquer pessoa e artigos especialmente ligados à ciência, datas consagradas nacionalmente, com forte teor patriótico, temas atuais para a época, como a Primeira Guerra Mundial, o analfabetismo, o tratamento as doenças fatais e histórias tanto verídicas como ficções que tinham em suas entrelinhas forte conotações que debatiam temas como preconceito, diferenças sociais e outros. O texto que se segue abaixo faz parte de uma edição avulsa, mas reporta-se para um episódio ocorrido numa escola onde a professora citada na história por mestra comete, em sua aula, um ato de preconceito, claramente observado pelo aluno:

“Conversação infantil

“- A onde vais Jozé?

“- Eu vou à margem do rio.

“- Com essa carga assim à costa?

“- Sim; com este feixe de pindoba para construir uma palhoça, para eu me abrigar com a minha família.

“- Que? Vais então deixar de morar na vila, onde a vida é suave e as cazas são superiores a essa que pretendes fazer? Vais te expor ao frio e a vida rústica?

“- Pois que! Não sabes que a nossa descendência vem de povos indígenas, que a nossa mestra declarou que somos tapuios e que outros dos nossos colegas são africanos ?

“- Sim parece que ouvi a mestra dizer isso mesmo; também a ouvi dizer, que das três raças que cruzaram, no Brazil, só a raça branca deixou de entrar na formação dos habitantes d’aqui desta vila, e que só ela trouxe para cá o tipo branco. Como sabes Lúcio com essa declaração só me resta é viver nas selvas alimentando-me da caça, pesca, das raízes, como faziam os primeiros habitantes daqui, portanto vou cuidar de mim.

“Dizendo assim, Jozé poz-se a andar com as palhas à costa, em direção ao rio.

Solimões (pseudônimo)

Outra referência presente na revista diz respeito a textos que fazem apologia ao homossexualismo, um fato instigante visto que aquela sociedade era extremamente submetida

aos desígnios da Igreja que, por sua vez, condenava tal manifestação. No entanto, a *Revista Maranhense* ultrapassou, em dois episódios demonstrados abaixo, este preconceito, publicando os textos:

“A uma amiga

“É nas horas calmas da noite, quando a humanidade tranqüilamente adormece, que esquecendo-se das lutas da vida, concentro o meu pensamento exclusivamente em ti.

“E assim ,edificando os mais belos castelos, adormeço; e adormecendo, contigo sonho.

“Amor, pronuncia a tua visão; ventura, diz minha alma sonhadora e ardente, acariciada pelo favonio da químera.

“De repente desperto esperançada, repleta de ventura, julgando-me a mais feliz das filhas de Eva, por merecer o teu amor.

“Mas, eis que em um momento vai por terra o meu Indo castelo, ao lembrar-me da barreira existente entre nós.”

“Entre o amor e o dever

“Amélia e Lúcia apesar de separadas pelo oceano amavam-se loucamente. Esta desde tenra idade vivia em companhia de sua avó materna na cidade de ...

“Esta contava seus dezoito anos e Lúcia seus quinze primaveras. Amélia tinha desejo de ter junto a sua...”

Uma estratégia bastante interessante de persuasão utilizada na revista era de interromper o texto numa edição, lançando a continuação somente em outra edição, no intuito de forçar a leitura da edição seguinte. Uma tática de *marketing* comumente utilizada nas novelas de hoje. Isto demonstra que apesar de serem jovens, não procediam com amadorismo e sabiam que estratégias tomar para o crescimento do periódico. Estimulavam a participação da comunidade, principalmente reportando-se a temas românticos, pois isso gerava um público cativo da revista, e em meio a esses espaços, lançavam mão do que também para eles era fundamental, a divulgação de assuntos científicos e sociais. Embora seja difícil medir quantitativamente como o público reagia a esta estratégia, principalmente porque este não é objetivo deste trabalho, no entanto, ao estudar as antecapas que sucederam ao lançamento da revista observa-se que teve um crescimento estrondoso, sendo lançada em outros estados do

País, como demonstra a capa da edição de fevereiro de 1918 nº 24, que traz, entre outros tantos lugares onde era distribuída, os estados do Rio de Janeiro, tendo como correspondente Amílcar Serra Pinto e Silva, Piauí, como correspondente Edson Moura, Minas Gerais, como correspondente Bacharel João Caldas, Minas Gerais, Cambuqueiras, como correspondente D. Maria Silva, Amazonas – S. Gabriel, como correspondente Eduardo de Oliveira Neto.

A edição seguinte, de número 25, traz a comemoração de três anos de próspero trabalho na revista, no qual é destacada a superação das barreiras e o fato de neste tempo tantos outros periódicos terem surgido, mas apenas poucos terem sobrevivido:

“...Trez anos para um pediz que tem diante si um largo futuro a percorrer, e para quem tudo é cor de rosa, cor de arminho e cor de céu, não é lá grande coiza, vamos convir. Para uma publicação, num Estado como o nosso, e do feitio da ‘Revista’ é muito, é tudo.”

“...O meio é indiferente, mais do que indiferente: é hostil, já se tem dito vezes diversas e nunca será demazia repetir.

“No entretanto, não há razão plauzível para tal indiferença e para tal hostilidade. Nenhuma só. Que diabos!

“A terra tem o título de Atenas, e Atenas porque na Grécia que existiu há milênios houve uma cidade com esse nome, a mais celebrada pelos poetas e historiadores universais, porisso que foi a cidade onde, mais do que em qualquer outra, se cultivaram as letras, as ciências e as artes - pátria de sábios...”

(sem pseudônimo)

O desabafo do autor deste texto nos leva a concluir que, por conduzir uma linha editorial diferente do convencional, estimulando o senso crítico e a liberdade de expressão, a revista sofria perseguições e a custo conseguia se manter tão presente no público. Numa análise ainda simplista deste trabalho cremos que a *Revista Maranhense*, certamente, não foi um dos primeiros periódicos que tinha linha editorial mais aberta para época, visto que muitos outros surgiram tão contestatórios quanto ela, no entanto certamente foi uma das poucas a sobreviver por tanto tempo nesta linha editorial. Uma das explicações está vinculada ao fato de muitos desses jovens escritores fazerem parte de famílias tradicionais e que por isso tinham como sustentar seus ideais, o que pode ser percebido na seguinte passagem:

FRANCISCO F.COSTA

“Acompanhado do seu proenitor, dr. Odilo Costa, segui no dia 18 do corrente, para a Capital Federal, o nosso distinto colaborador Francisco Falcão Costa.

“Aos viajantes desejamos boa viagem.”

O doutor Odilo Costa é pai de um reconhecido escritor e teatrólogo maranhense, chamado Odilo Costa Filho, cujo teatro leva, hoje, o seu nome em São Luís.

Nos valem neste estudo de trechos da própria revista, desenvolvendo um trabalho de caráter investigativo, citando os episódios da revista, formando a base do nosso entendimento e de nossas conclusões. O estudo nos trouxe informações que, diante da realidade atual do Estado, nos deixa bastante inquietos. O Estado que já foi berço de tanto interesse intelectual, hoje, encontra-se com um quadro científico, onde o que existem são iniciativas isoladas. A Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Maranhão (FAPEMA) foi extinta há pouco mais de dois anos pelo Governo do Estado. Os pesquisadores maranhenses encontram-se sem referencial institucional científico que possa responder aos interesses da comunidade científica da região. Isso nos faz perceber que as condições culturais e sociais, principalmente na capital que foi, no início do século, o palco de manifestações intelectuais, mudaram completamente. Atualmente, pouco se produz em ciência que extrapole os limites do Estado. Vive-se as custas da imagem de grandes poetas do passado e de dois grandes representantes nacionais que, inclusive, já se desencilharam do crescimento intelectual local, projetando-se para grandes centros de produção do País. O célebre presidente da Academia Brasileira de Letras, Josué Montelo, e o jornalista Ferreira Gullar, residindo, hoje, no Rio de Janeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado, embora tenha a intenção de dar o reconhecimento à obra e sua importância tanto histórica quanto social, admite que quanto mais se explora este estudo, mais ele leva a vieses, cada vez mais, instigantes e inovadores, o que confirma que estamos construindo uma pesquisa que nos parece bem elucidativa no que se refere a vários assuntos, tanto o desenvolvimento de periódicos no Brasil, como a história da divulgação científica em regiões distantes dos grandes centros e, principalmente, dando indícios de como se

comportaram as gerações do início do século, diante dos desafios científicos e desenvolvimento da tecnologia da imprensa. Pensar este trabalho remete-nos a percebê-lo como parte de um estudo já muito consolidado, o da ciência no Brasil. Este estudo ensaia a pequena participação do estado do Maranhão neste contexto, brotando de lá como também certamente de outros lugares o interesse pelo conhecimento e conseqüentemente, pela ciência. Acrescenta este estudo um referencial mais regionalizado que traz junto consigo o marco das diferenças culturais. Mostra, também, que iniciativas são tomadas em qualquer contexto histórico ou social. Os nobres homens comuns quiseram e continuam fazendo diferença a sua época e a seu contexto, embora o futuro de toda e qualquer iniciativa desta ordem seja incerto.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Sebastião Jorge. *A linguagem dos pasquins*. São Luís: EDUFMA, 1996.
- _____. *Os primeiros passos da imprensa no Maranhão*. 1821-1841. São Luís: EDUFMA, 1987.
- MAIA, Newton Freire. *A ciência por dentro*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MOREIRA, Ildeu de Castro. Física, matemática e divulgação científica nos anos 20. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES DE ENSINO DE FÍSICA, 5. ,1996, Rio de Janeiro. *Atas...* Rio de Janeiro: UFRJ/FINEP, 1979.
- OLIVEIRA, Antonio José Silva *et al.* Ciência e ensino superior no Brasil e no Maranhão: de 1850 a 1950. *CEUMA PERSPECTIVAS*, São Luís, p. 95-102, fev. 2000
- SCHWARTZMANN, S. *Formação da comunidade científica no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1979.